

Elas escreveram um livro que denuncia a situação da mulher em Portugal. A edição foi apreendida, as autoras processadas. Mas o regime caiu antes de aplicar o castigo

A REVOLUÇÃO DAS TRÊS MARIAS

Reportagem de Maria do Socorro

Maria Teresa Horta está à minha frente. É uma mulher magra, de gestos rápidos e cabelos claros, com pouco mais de 30 anos e óculos de aros grossos. É difícil ver nela alguém capaz de derrubar governos a mão livre, mas era assim que o governo de Marcelo Caetano a via. Ela é uma das três Marias — as outras duas são Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa — as três autoras das *Novas Cartas Portuguesas*, o livro que, pouco antes de Portugal e o Futuro, do General Spínola, provocou grande rebuliço na vida cultural e política de Portugal.

AS *Novas Cartas Portuguesas* são inspiradas nas famosas cartas de Sôror Mariana do Alcoforado — cinco epístolas de paixão e saudade que a monja do século 17, encerrada no convento de Nossa Senhora da Conceição, em Beja, enviou ao homem que amava, o cavaleiro de Chamilly.

Suas autoras também usaram o estilo epistolar — na realidade, de estrutura setecentista — para descrever os problemas da condição feminina em Portugal. Desde meninas, Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria de Fátima Velho da Costa tinham verificado que essa condição era a mais aflitiva de todo o Ocidente. Elas conheceram o internato em colégio de freiras, as imposições dogmáticas, o amor sem alegria, a proibição de qualquer liberdade ou afirmação humana. Amigas e encontrando-se freqüentemente, as três Marias trocaram suas impressões pessoais e resolveram escrever um livro sobre a situação da mulher portuguesa. Editadas em abril de 1972, as *Novas Cartas Portuguesas* foram logo apreendidas. A acusação era de atentado ao pudor e o crime foi definido como atentado contra a moralidade pública. O Estado exigia pena de prisão para as três Marias.

— A acusação de pornografia era uma manobra típica do antigo regime — diz Maria Teresa. — Negando ao livro seu caráter político, eles procuravam nos humilhar, diminuir o significado da nossa denúncia e, ao mesmo tempo, ocultavam a existência de problemas políticos permanentes com os escritores.

Quase todos os intelectuais tiveram problemas com a ditadura salazarista — segundo Teresa. Ela mesma viu seu nome proibido de aparecer nas páginas do jornal em que trabalha. Nos últimos quatro anos, seu telefone esteve permanentemente censurado.

No banco dos réus, as três Marias esperam a sentença. Da esquerda para a direita: Maria Teresa Horta, Maria de Fátima Velho da Costa e Maria Isabel Barreno.



— A única vantagem — afirma Maria Teresa, rindo — é que eles nunca permitiam que o telefone se avariasse.

Apesar do bom humor da escritora, a censura telefônica em Portugal não era brincadeira. Uma semana após a derrubada do governo de Marcelo Caetano, os militares franquearam à imprensa as instalações da PIDE-DGS, e o que os jornalistas viram foi assustador: além de dezenas de milhares de fichas nos minuciosos arquivos — e das câmaras de tortura minuciosamente equipadas — havia uma aparelhagem eletrônica de escuta e gravação capaz de fazer inveja a qualquer emissora de rádio.

— Mas eu sempre lutei para só ter medo do medo — garante Maria Teresa.

O ato de publicar *Novas Cartas Portuguesas* foi um gesto de grande coragem. Maria Teresa, desde criança, já protestava “porque as meninas tinham que arrumar a casa e os meninos não”. Precisou de toda a sua coragem quando, pela primeira vez, foi encontrar o homem que amava, sabendo que a família colocaria um detetive particular para segui-la. Chamada de prostituta depois desse episódio, ficou sabendo que todas as mulheres que procuravam ser livres em Portugal — de uma maneira ou de outra — eram sempre tratadas como prostitutas.

ESSA opinião foi confirmada durante o processo das três Marias pela atriz e crítica de arte Maria Emília Correia, que compareceu ao Tribunal da Boa Hora para depor em favor das escritoras acusadas.

— Bastava que uma mulher andasse sozinha à noite nas ruas de Lisboa, para ser tratada como rameira — afirmou ela. — Diziam-lhe insultos de toda espécie.

O processo demorou justamente por causa

do estado de saúde de Maria Teresa Horta. Ela está tuberculosa e não podia suportar as sessões muito longas. Enquanto a ação judicial se desenrolava (as três Marias estavam libertas sob fiança) surgiam manifestações de solidariedade do mundo inteiro. Ao mesmo tempo que a revista francesa *L'Express* classificava o livro como “uma obra-prima da literatura portuguesa”, os escritores ingleses dirigiam uma carta ao *Times* defendendo as autoras. Em Massachusetts, Estados Unidos, a conferência feminista patrocinada pela Organização Nacional de Mulheres — presentes representantes da URSS, da Índia, do Egito e de Israel — esboçou controvérsias políticas e publicou uma resolução de apoio às três Marias.

MAS, se o salazarismo se conservasse no poder, as escritoras não poderiam ter sido absolvidas como o foram, no último dia 7. A sentença do juiz Acácio Lopes Cardoso declarou que o livro não “tinha caráter pornográfico, sendo, pelo contrário, uma obra de arte”. Romeu de Melo, o editor da obra — antes também envolvido no processo — foi elogiado pelo magistrado “por ter prestado um grande serviço à cultura em Portugal”.

Maria Teresa Horta, apesar da alegria diante dos novos acontecimentos, sabe que ela e suas colegas ainda têm muito trabalho pela frente. “As portuguesas não só se chamam quase todas Marias, como enfrentam um destino comum de passividade e trabalho duro. São as mulheres mais submissas e exploradas de toda a Europa. Desde meninas se acomodavam às suas tarefas: lavar, passar, brunir, cozinhar e suportar a autoridade dos homens. Estes ainda alimentam toda a espécie de preconceitos. Não só tratam de vedar às mulheres os caminhos do estudo e da promoção profissional, como lhes impõem tarefas braçais e exaustivas. O regime oprimia os homens” — explica Maria Teresa — “e eles então oprimiam suas mulheres.”

O regime salazarista acabou, mas a mentalidade do homem nele formado não mudará da noite para o dia. Os lamentos, queixas, acusações, poemas tristes, cartas de denúncia, publicados em *Novas Cartas Portuguesas* bem poderiam ser subscritos por qualquer mulher de Lisboa ou das províncias. Estas mesmas mulheres tão freqüentemente vestidas de negro, que não ousam andar nas ruas à noite sem proteção masculina e que às vezes passam a vida sem erguer os olhos das painéis e do tanque de roupa.

Maria Teresa Horta acha que as lutas feministas em Portugal estão apenas começando. E conta que as *Novas Cartas* já tiveram os direitos adquiridos por editores na Inglaterra, França e Itália, estando em negociações para serem publicadas na Alemanha, Japão, Suécia e Holanda. Mas só no dia do julgamento o livro foi relançado nas livrarias de Portugal. E está sendo vendido com sofreguidão, parecida com a que os portugueses se lançaram à compra e distribuição dos cravos vermelhos no 1.º de Maio.



As autoras das Novas Cartas Portuguesas deixam o Tribunal da Boa Hora, após a sentença que as absolveu.